

## PENSANDO A CATEGORIA *RELIGIÃO*:

### A construção da noção de *religião* pelos missionários da Consolata da Missão Catrimani-RR

João Roberto Bort Júnior

É possível falar em uma religião indígena? Como falar de uma religião indígena? Pensamos que seja imprescindível repensar a noção de *religião* nos estudos antropológicos, por que este é mais um dos conceitos que, como todos, possuem um trajetória específica e diz respeito à história do ocidente. Particularmente, o conceito de *religião* diz respeito à história do cristianismo e à maneira pela qual ele pensou a si mesmo e os seus "outros" (Agnolin, 2007; Pompa, 2003). Ao contrário do conceito de *cultura*, que passou por reflexões e críticas epistemológicas no campo da antropologia (por exemplo, Kuper, 1978), o conceito de *religião* continuou presente no vocabulário antropológico<sup>1</sup> sem se acertar com seu passado, trazendo implicações ao modo de interpretar a diferença, inclusive, implicações ao modo de interpretar os ameríndios. Talvez, a implicação mais problemática tenha sido justapor o cristianismo e alguma dimensão, pensada como religião, do mundo indígena. Ou seja, comparava-se e justapunha-se dimensões nem sempre comparáveis.

Sendo assim, pensaremos em *religiosidades*, uma vez que esse conceito parece atender melhor para a construção de noções religiosas e práticas entendidas enquanto tal. *Religiosidade* seria um conceito que colocaria no foco da reflexão antropológica a construção histórica, as agências, os agentes que participam das formulações dos significados de *religião*. Dito de outro modo, religião deve ser aquilo que os agentes pensam o que é religião. Para pensar um sentido de *religião indígena*, partiremos de uma reflexão sobre a noção de *religião*, *xapuri* e *diálogo interreligioso* de Missionários da Consolata que atuam entre os índios Yanomami de Roraima. Ademais, essa concepção de *religião*, que constroem os missionários, leva-nos também a compreender como eles concebem a *cultura yanomami*, ou seja, a ideia de *religião yanomami* diria respeito a identidade cultural deles.

\* \* \*

Durante partes dos meses de dezembro de 2010 e janeiro de 2011, realizamos trabalho de campo na Missão Catrimani. Ela é uma missão católica voltada aos índios Yanomami, embora, particularmente, aos Yanomami da região do Rio Catrimani, um afluente do Rio Branco. A missão localiza-se na margem esquerda do Médio Catrimani, à sudoeste do estado de Roraima.

Os missionários e missionárias de Catrimani são agentes religiosos pertencentes ao Instituto dos Missionários da Consolata (IMC), cuja fundação deve-se ao Beato José Allamano no início do século XX. O instituto foi fundado mais precisamente no ano de 1901, em Turim, na Itália. Inicialmente, seus missionários destinaram-se à África, quando construíram suas primeiras missões no Quênia e em Moçambique (Araújo, 2006). Hoje possuem inúmeras missões em muitos países, incluindo Coréia, Tanzânia, Brasil, Colômbia, Bolívia, entre outros. No Brasil<sup>2</sup>, entre indígenas, assumiram missões beneditinas voltadas aos Wapichana e Macuxi no ano de 1948, já na porção leste do estado de Roraima<sup>3</sup>. Já entre os Yanomami, a missão foi fundada, no ano de 1965.

Participaram dos primeiros trabalhos de construção da Missão Catrimani os padres Bindo Meldonesi e João Callerí<sup>4</sup>. No início de seus trabalhos, construíram uma pista de pouso e uma pequena casa, como pode nos relatar, em entrevista, Irmão Carlos Zacquini. Este missionário leigo assumiu as responsabilidades com a missão pouco tempo depois de sua fundação. Ele contou-nos que ficava sozinho na missão durante longos períodos. Mas, ainda segundo ele, isso não impediu que ele aprendesse a lidar com os índios, antes disso ele era absolutamente ignorante no assunto, e não o impediu de gostar da vida entre eles. Ir. Carlos Zacquini, italiano, missionário leigo, consolatino, foi um dos missionários que mais viveu entre os Yanomami, se não aquele que mais viveu. Em entrevista, contou-nos que viveu cerca de vinte a vinte e cinco anos entre eles. Além disso, foi um dos responsáveis pelas propostas de criação do Parque Yanomami<sup>5</sup> e um dos fundadores da Comissão pela Criação do Parque Yanomami (CCPY), doravante, Comissão Pró-Yanomami.

É importante trazermos a figura de Zacquini para o centro de nossa reflexão, pois, pensamos que seus trabalhos primordiais entre os Yanomami de Catrimani foram decisivos para o tipo de missão que se consolidaria ali. Obviamente que Ir. Zacquini é mais um dos missionários que participou da construção e consolidação da missão e de suas propostas evangelizadoras. Créditos também devem ser dados a outros missionários, como o Pe. Giovanni Saffírio, um padre Ph.D. em Antropologia pela Universidade de Pittsburgh (ver

tese, Saffírio, 1985), Guilherme Damioli, um dos coordenadores da missão e que muito conviveu com os índios, entre outros. Todos estes missionários pertencem a uma geração de agentes religiosos que são posteriores ao Concílio do Vaticano II e das reformulações teológicas que resultaram na teologia da inculturação. Essa geração, informada pelo respeito ao "outro", pelo respeito a *cultura* do "outro", pela *valorização da diferença e dos valores indígenas*, atuou e atua colocando-se como objetivos missionários questões políticas, como acesso à terra e proteção de direitos fundamentais, como saúde e educação, não se detendo apenas em questões estritamente *religiosas*. À propósito, as ditas questões *religiosas* quase não são anunciadas no dia-a-dia da atual Missão Catrimani, parecendo não ser uma preocupação aos missionários e missionárias.

Certamente, este tipo de atuação missionária que foi sendo consolidada Catrimani é diferente do tipo de missão que foi consolidada entre os Wapichana e Macuxi. Essa comparação e diferenciação entre as missões podem ser feitas a partir do trabalho de Araújo (2006). A autora descreve um tipo de atuação entre os Wapichana e Macuxi que resvala muito mais no proselitismo e na evangelização *tradicional* - aquela pautada pelo batismo, pelos sacramentos, pela catequese, pela conversão, pelo trabalho indígena - do que o tipo de atuação que foi sendo consolidada em Catrimani. A consolidação do tipo de missão de Catrimani parece advir das orientações dos primeiros missionários, orientações estas, como já dito, advindas da teologia da inculturação<sup>6</sup>. As gerações posteriores de missionários deram andamento<sup>7</sup> a ideia de que a especificidades culturais dos Yanomami deveriam ser respeitadas e preservadas. Vejamos ao longo do texto como essa ideia de *cultura yanomami* está atrelada a ideia de *religião indígena*. Sendo assim, atuar a favor dos indígenas significa também a atuar a favor de uma *cultura* e de uma *religião indígena*.

Atualmente, a missão é composta por mais ou menos oito ou nove pessoas, entre freiras, missionários leigos e padres. A atuação missionária, ou como eles denominam, o plano pastoral, visam cinco frentes de ação: saúde, educação, autossustentamento, formação de nível religioso e diálogo interreligioso. Esses eixos tem por trás exatamente aquela concepção de que deve ser garantida a reprodução do modo de vida tradicional yanomami.

O primeiro e o segundo visam a melhora de condições sanitárias e educacionais, evitando, respectivamente, a diminuição populacional por doenças e armando-os de saberes de *brancos*, saberes necessários a vida contemporânea. Segundo um *foto-livro* publicado, no ano de 2011, pelos missionários de Catrimani, denominado de *Xapuripë*

*Ithoma* □ *he*: *juntos para a descida dos xapuripë*, começou haver uma maior formação dos Yanomami. O que teria acontecido é a introdução de mudanças e novas formas de viver, com as quais os índios entraram em contato. Eles teriam, portanto, assumido novas responsabilidades, conhecido novos mercados e práticas de venda e compra, maior presença em centros urbanos. Sendo assim, entre as atividades desenvolvidas, surgidas com tais *contatos e mudanças*, estão o aperfeiçoamento dos professores indígenas e dos Agentes Indígenas de Saúde (AIS). Vieram também as necessidades de realizar trabalhos junto às *comunidades* indígenas, promovendo a educação, além de ensinar na organização dos diários de classe, na resolução de programas de aula e apresentação de relatórios. Junto com o pessoal da equipe de saúde estruturaram cursos de formação de AIS, bem como participam de algumas visitas às *comunidades*. Os missionários ainda ajudam no ensino da coleta de lâminas para exames de malárias e, inclusive, cooperam materialmente, fornecendo o trator da missão, o barco, ou mesmo gasolina, para que as visitas aos índios sejam feitas.

A terceira frente de atuação diz respeito a própria missão, ela procura garantir sua própria sustentação. Por exemplo, gerando a energia consumida através de painéis solares, consumo de água do rio, produção de alimentos de suas roças e carnes de seus animais (galinhas e, como já foi em outros momentos, porcos).

A frente formação de nível religioso diz respeito ao preparo dos missionários para as atividades evangelizadoras. Precisam estudar para que possam compreender melhor seus papéis enquanto religiosos. Estudam a própria língua yanomami (*Yanomae*), o Direito dos Povos Tradicionais, teorias antropológicas do contato interétnico, teologia, missiologia, etc..

A última frente do plano pastoral, o diálogo interreligioso, é o que mais nos interessa aqui, pois diz respeito diretamente a concepção de *religião indígena* e como eles pensam que devem ser suas atuações junto a ela. Por isso, falaremos dela mais detidamente ao longo do texto.

Ressaltamos que a atuação não é evidentemente proselitista, no sentido que questões tradicionalmente relevantes às missões não são observáveis. Isso não significa que a *religião* não constitua uma preocupação para os missionários. Pelo contrário, ela é uma das mais importantes e constitui-se, segundo eles mesmos, um dos pilares que concebem a missão. Este pilar é o do diálogo interreligioso. Pensamos que ele pode nos levar a compreender melhor o que é *religião* para esses missionários e como ela entraria

em relação com o catolicismo. Para apresentarmos o que seria o diálogo interreligioso, tomaremos um texto de apresentação do *Encontro de Xapuri*, texto produzido pelos missionários e algumas observações realizadas durante o trabalho de campo.

### **O Encontro de Xapuri**

Na missão, entre muitas outras estruturas arquitetônicas, há uma escola, que, como todas as outras, é feita de madeira. Ela é em formato circular em cujo interior possui mesas e bancos dispostos em forma de "u", além de uma pequena lousa. É neste local que os Yanomami e missionários reúnem-se para realizarem reuniões e atividades, como aquelas de formação de AIS's, por exemplo. Nas primeiras semanas de janeiro de 2011, houve uma reunião, na qual estavam presentes alguns missionários, importantes professores indígenas e xamãs yanomamis. Todos estavam lá para organizar o Encontro de Xapuri. Veremos com mais atenção o que é o encontro e como os consolatinos de Catrimani tem relacionado-se com isso, quais suas interpretações e suas motivações em participarem do encontro. Neste momento, vejamos quem participava da reunião e como isso parecia significar muito para todos os presentes.

Na lousa da escola, os indígenas anotavam nomes de importantes xamãs que seriam convidados para o encontro. Dentre os convidados, estava o principal líder político dos Yanomami e atual presidente da Hutukara - Associação Yanomami, Davi Kopenawa Yanomami. Entre os organizadores estavam Haro, um grande líder e um xamã experiente, que aparece em uma fotografia, no escritório da missão, recebendo um prêmio da Organização das Nações Unidas (ONU). A presença de Haro não era por menos, já que o encontro, que seria e foi realizado em fevereiro de 2011, aconteceria na aldeia onde ele é o chefe indígena. Essa aldeia foi chamada de *Pookohipiitheri*, quando foi sede do primeiro encontro, em 2001. Atualmente, é denominada de *Rasasitheri* e está localizada mais ou menos três hora e meia de caminhada da missão. Estavam presentes na reunião de organização dois dos filhos de Haro. Um deles é professor indígena e o outro é um dos xamã menor e que é chamado de Picote. Eles ajudavam na organização dos nomes, bem como quais seriam os dias que sairiam para as caçadas e colheitas de banana e mandioca, necessárias para alimentar os convidados.

Esse encontro acontece anualmente e abrange grande parte da Terra Indígena Yanomami. Esses encontros eram, inicialmente, regionais. Em geral, abrangiam as malocas da região da missão, aproximadamente dezenove aldeias, que vão do Alto ao Baixo Catrimani. No entanto, os xamãs yanomamis quiseram aumentar ainda mais o

evento. Com a ajuda dos missionários, eles conseguiram tornar o evento ainda maior, fazendo dele um evento macrorregional. Os missionários são importantes parceiros nessa empreitada e cuja ajuda tem garantido tamanha grandeza.

Durante a organização do evento, os missionários ficariam responsáveis por arrumar os recursos para pagar os voos de aviões, que iriam buscar os convidados mais longes. Por exemplo, o convidado Davi Kopenawa. Ele é chefe da aldeia Demini, que fica no estado do Amazonas, dezenas de quilômetros de Catrimani. Eles tentavam otimizar as escalas, procurando levar o máximo de passageiros com menor números de voos possíveis. Os valores dos táxis aéreos não são baixos e ficariam sob responsabilidades dos missionários. As possibilidades de financiamento desses voos viriam de recursos que os religiosos procuram adquirir junto a instituições e órgãos católicos na Itália. Por exemplo, apoios da Regione Piemonte<sup>8</sup> e da Impegnarsi Serve Onlus<sup>9</sup>, que aparecem como apoio na primeira página do encarte *Xapuripë ithoma*□*he: juntos para a descida dos xapuripë*, produzido pelos consolatinos de Catrimani para apresentarem suas motivações de participação do encontro e os motivos pelos quais é interessante a realização do mesmo. O apoio consolatino viria também de um dos padres, que estava em Boa Vista e compraria uma grande quantidade de linhas de pesca, anzóis, chumbadas e outros materiais de pescaria, contribuindo para o fornecimento de peixes aos convidados do encontro.

A disposição dos missionários em participarem da organização do evento e suas disposições em ajudarem, inclusive materialmente, demonstra que um grande interesse pelo Encontro de Xapuri. Vejamos agora o que é o encontro e os motivos pelos quais os missionários entram na empreitada de construir o Encontro de Xapuri.

\* \* \*

Mas, afinal, o que seria este encontro? O que significa *Xapuri*? Para respondermos estas questões vejamos a definição dada pelos missionários de Catrimani e que se encontra em *Xapuripë ithoma*□*he: juntos para a descida dos xapuripë*. Diz assim: "o termo em língua yanomae 'xapuri' - no plural 'xapuripë' ou 'xapuri thëpë' - é usado para referir-se seja a um espírito auxiliar (espírito xamânico), seja à pessoa do xamã" (nota 1: 4). Sendo *xapuri* o termo nativo para aquilo que os missionários denominam de *xamã* ou *pajé*, o Encontro de Xapuri é, portanto, uma reunião de xamãs, índios especialistas em acessar

espíritos auxiliares. Estes vivem, digamos assim, em outros patamares do plano cosmológico.

Ainda segundo o texto, *Xapurimu*, na língua *Yanomae*, é xamanismo, ou ainda, nas palavras dos missionários, a pajelança. Como nos contaram os missionários e como pode ser lido em *Xapuripë ithoma* he: *juntos para a descida dos xapuripë*, os *xapuri* seriam das mais importantes práticas indígenas, se não a mais. A prática do xamanismo yanomami, para os consolatinos, está entrelaçada com toda a vida indígena.

Justamente por causa do seu poder de entrelaçar planos da vida indígena - entrelaçando o mundo dos espíritos com o dos homens, mantendo o "equilíbrio dinâmico com o mundo que os rodeia, entre os diferentes componentes da pessoa, nas relações sociais e entre diferentes níveis de existência (incluindo o que costumamos chamar de transcendente)" (10) - é que o *xapuri* é considerado o promotor da vida plena desses índios. O xamanismo é considerado um saber, que transmitido aos mais novos, garantiria a conservação desse equilíbrio, do qual falavam os consolatinos e que seria relações entre todos os planos da cosmologia, entre o natural e o sobrenatural, entre os homens, entre os homens e a natureza. Esta constitui a primeira das motivações que levam os missionários a organizarem e colaborarem com os encontros: "o *xapuri* é o intermediário que consegue a comunicação com o mundo dos espíritos auxiliares que garantem o equilíbrio da natureza e a conservação da vida" (9).

Nesse sentido, a motivação é uma motivação política. Ou seja, a realização dos encontros está ligada a uma preocupação missionária com a manutenção de uma forma de vida que seria garantida enquanto também for o *xapuri*, já que ele seria o articulador dos planos da vida indígena. Num certo momento do texto isso aparece claramente, quando dizem que o contexto foi de mudança e introdução de novas formas de relacionar, no mercado, na cidade, e que, dentre outras necessidades de formação profissional, os *xapuripë* sentiram a necessidade de fortalecerem-se também. O xamanismo é mais uma das formações necessárias, talvez a mais importante, por que é aquela que articula todos os planos da cultura e, com isso, conseguiria manter-se e manter toda a *tradição*. O encontro visa justamente o fortalecimento deles e, conseqüentemente, dos Yanomami. Diz o texto: "os encontros inter-regionais de *xapuripë* favorecem a troca entre as lideranças religiosas, proporcionando momentos de fortalecimento espiritual, social e cultural" (9).

É preciso apontar que quando os consolatinos escrevem que há um fortalecimento espiritual pelo encontro, significa dizer que a prática xamânica está sendo interpretada

enquanto uma prática religiosa. O *xapuri* é entendido como *religião indígena*. Isto nos leva à segunda motivação missionária enumerada no texto: "o fortalecimento da espiritualidade Yanomami".

É preciso apontar ainda outra consequência da ideia de que o Encontro de Xapuri fortalece a espiritualidade. O encontro não a fortalece somente, mas também o social e o cultural. O fortalecimento de todas essas dimensões concomitantemente deve-se a quase indistinção, que os consolatinos fazem, entre a dimensão religiosa e as dimensões social e cultural. Como pode-se concluir do trecho "a espiritualidade é a coluna vertebral e o alicerce que sustenta a forma de ser Yanomami". Embora não seja a cultura a religião, a religião, que é o xamanismo, é aquilo que pode sustentar a primeira.

O que é esta espiritualidade senão o xapuri? Como já vimos acima, na concepção consolatina, xamanismo é religião e espiritualidade. Isso pode ainda ser percebido neste trecho:

Esta [a espiritualidade] é expressa de modo particular nas celebrações da vida e da morte, da doença e da cura, mas permeia toda a vida yanomami: o contato cotidiano com a floresta, a realização das festas, as relações de parentesco, a criação de alianças, a partilha de alimentos, a produção de utensílios...enfim, todo o próprio estilo de vida (10).

A espiritualidade é, então, o xamanismo, que articula toda a vida indígena. Por isso, o encontro não promove apenas a espiritualidade, mas o social e o cultural. Nesse sentido, chegamos a uma constatação dada por nós no início deste texto, quando dissemos que compreender a noção de *religião indígena* para os consolatinos implicaria compreender também sua concepção de social e cultural. A cultura é um todo, mas que se sustenta apenas a partir da religião indígena, que seria, como vimos nestes últimos trechos transcritos, *a coluna vertebral e o alicerce da forma de ser Yanomami*.

O Encontro de Xapuri é tão importante aos missionários porque é pela promoção da prática xamânica que os missionários pensam realizar toda a cultura e vida nativa. Além de garantir a reprodução da matriz cultural, já que segundo eles a troca de experiências e as cerimônias de xapuri promoveriam a formação de jovens xamãs, que por sua vez promoveriam a reprodução de saberes de antepassados. Os *xapuripë* menores receberiam saberes mitológicos, cosmológicos, religiosos, terapêuticos, entre outros, dos xamãs mais experientes, os *xapuripë pata*<sup>10</sup>. Este é o terceiro motivo pelo qual os missionários participarem do encontro: a formação de novos xamãs significaria, segundo o próprio texto, esperança. Esperança na continuidade de realização plena da vida Yanomami.



O quarto motivo eleito e apresentado no texto é: o Encontro de Xapuri é "uma ocasião de diálogo intercultural e diálogo interreligioso". Diz o texto:

Os encontros de xapuripë representam uma oportunidade para escutar os anseios mais profundos expressos numa linguagem metafórica e percorrer o caminho do diálogo. Este último desperta grande interesse e se demonstra muito fecundo, pois se desenvolve num espaço privilegiado para o encontro de horizontes simbólicos. O diálogo se constrói no cotidiano, mas os encontros de xapuripë constituem momentos privilegiados para a partilha dos alicerces da espiritualidade yanomami, momentos cuja participação é aberta a convidados não Yanomami.

Interessa-nos salientar, a partir deste excerto, como tem sido pensada a proposta de evangelização dos consolatinos. Ou ainda, como ela tem se realizado. Ela está pautada por uma ideia de interação que é denominada de *diálogo intercultural e interreligioso*. Pensa-se que são duas culturas e, portanto, duas religiões, já que primeira implicaria necessariamente na segunda, que entram em comunicação e podem conhecerem-se e trocarem experiências. O Encontro de Xapuri, nessa perspectiva de diálogo, seria o espaço privilegiado de comunicação ou, nas palavras deles e em vocabulário mais antropológico, um espaço privilegiado para o encontro de horizontes simbólicos.

Nessa perspectiva evangelizadora, a religiosidade indígena assume uma posição passível de entrar em diálogo com a religião católica. O que é interessante notar é que nesta perspectiva o *outro* também tem uma religião. O esforço de procurar uma religião no *outro* não é novo e nem recente. Pompa (2003) já demonstrou como capuchinhos e jesuítas interpretaram os Tupi como detentores de uma religião, ainda que falsa e demoníaca. No entanto, a novidade trazida nesses trechos está no fato de que o *outro* tem sim uma religião e ela possui um valor teológico tão grande quanto o catolicismo. Não é necessário mudar os valores reconhecidos por eles na prática do *xapuri*, mas é preciso dialogar com eles, aprender com eles, trocar experiências. A perspectiva teológica é outra e remete a história do catolicismo, que cada vez mais parece assumir que o catolicismo é uma das formas possíveis de se acessar o sobrenatural.

### **Algumas considerações**

Nosso esforço foi o de apresentar a noção de religião que possuem os missionários e missionárias da Consolata de Catrimani e como essa noção tem orientado suas práticas. A partir dessa discussão tentamos demonstrar como o sentido de *religião* não pode ser definido a princípio e depende de uma contextualização social e cultural. Em fenômenos religiosos contemporâneos como esses analisados aqui podemos notar como o

conceito tem se ampliado para abarcar outras práticas, entendidas também como religiosas. A categoria, para poder abarcar xamanismo enquanto religião, precisou alargar-se e assumir a noção de acesso ao sobrenatural, fazendo tanto da prática do catolicismo quanto da xamânica duas religiões dialogáveis.

Esse tipo de interpretação e atuação missionária tem resultado de um processo de tensões e processos ligados a Igreja. Nas últimas décadas, como tem indicado relatórios de pesquisa de Melvina Araújo<sup>11</sup>, tem surgido dentro das discussões da Igreja isso que tem sido denominado de teologia índia. É mais uma perspectiva teológica que surge com a necessidade de abarcar as diferenças dentro do catolicismo contemporâneo e que parte da premissa de que esses povos tradicionais já tinham um tipo de prática religiosa anterior a ida do catolicismo para suas localidades e que por possuírem concepções particulares devem ser respeitadas. A teologia índia surge, provavelmente, como decorrente das discussões teológicas da inculturação, que já propunham respeito a cultura do *outro*. O fato é que a teologia da inculturação, que volta seu foco a cultura, tem se acertado com a teologia índia, que se volta para a religião. O fato é que cultura e religião são vistas como dimensões imbricadas. Precisamos entender melhor como elas se articulam no pensamento teológico, mas, de todo modo, elas são dimensões quase que indistinguíveis.

---

<sup>1</sup> Pensamos, por exemplo, em trabalhos como aqueles presentes na coletânea organizada por Wright (1999), que ainda se pautam pelo conceito ao falarem de *religiões indígenas*.

<sup>2</sup> Podemos dizer ainda que possuem missões no subúrbio ferroviário de Salvador/BA e em periferias da cidade de São Paulo/SP.

<sup>3</sup> Sobre a ida de consolatinos para o estado de Roraima, ver Araújo (2006).

<sup>4</sup> Este missionário foi assassinado nas aldeias dos índios Waimiri Atroari durante uma missão de pacificação. Ainda hoje, como relatou Irmão Carlos Zacchini em entrevista, não se sabe exatamente o que é que aconteceu na ocasião do assassinato do padre. A hipótese levantada é de que pessoas motivadas por interesses econômicos tenham incitado os indígenas a matar o padre.

<sup>5</sup> Posteriormente, depois de sua demarcação e homologação, respectivamente, em 1991 e 1992, Terra Indígena Yanomami (TIY).

<sup>6</sup> Ver em Montero (1995, 1996) como a perspectiva teológica da inculturação tornou-se hegemônica na América Latina e, em Araújo (2006), como tornou-se hegemônica em Roraima.

<sup>7</sup> Diferenças entre as gerações de missionárias existem e seriam dignas de algumas notas. Por exemplo, qual a relação que os indígenas deveriam ter com a *civilização*, que tipo de relação deveria ser objetivada? Uma relação integracionista sem traumas culturais aos Yanomami ou um isolamento e criação de condições e instrumentos para resistir ao *avanço civilizatório*? Essas diferentes propostas políticas existem entre as diferentes gerações de missionários. Mas, pela a economia deste texto, não traremos uma reflexão mais profunda. O que interessa é uma disposição geral, entre todos os missionários, de preservar esses indígenas, de um modo ou de outro.

<sup>8</sup> Para mais informações, ver <http://www.regione.piemonte.it/>.

<sup>9</sup> Para mais informações, ver <http://www.impegnarsiserve.org/>.

<sup>10</sup> O termo *pata* em *Yanomae* significa grande, maior, amplo (comunicação pessoal dos missionários).

<sup>11</sup> Esses relatórios estão sendo produzidos no Grupo de Estudos sobre Mediação e Alteridade (GEMA) sediado no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), na cidade de São Paulo, e com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. O grupo é coordenado pela Profa.

---

Dra. Melvina A. M. de Araújo (Unifesp). Atualmente o grupo desenvolve pesquisa sobre identidade, religião, movimentos sociais e étnicos, além de estar preocupado, de modo geral, com modos de construção da diferença no mundo contemporâneo, particularmente, no Brasil e na África.

## **Bibliografia**

AGNOLIN, Adone. *Jesuítas e Selvagens: a Negociação da Fé no encontro catequético ritual americano-tupi (séc. XVI-XVII)*. São Paulo: Humanitas / FAPESP, 2007.

ARAÚJO, Melvina. *Do corpo à alma: missionários da Consolata e índios macuxi em Roraima*, São Paulo, Associação Editorial Humanitas/Fapesp, 2006.

KUPER, Adam. *Antropólogos e Antropologia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

MONTERO, Paula. “O problema da cultura na Igreja Católica contemporânea”. In: *Estudos avançados*, vol.9, n. 25, São Paulo: Set./Dez. 1995.

\_\_\_\_\_. *Entre o mito e a história. As comemorações em torno do V Centenário do Descobrimento da América*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

POMPA, Cristina. *Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial*. Bauru, SP: EDUSC/ANPOCS, 2003.

SAFFÍRIO, Giovanni. *Ideal and actual kinship terminology among the yanomama Indians of the catrimani river basin (Brazil)*. (Doutorado em Antropologia), Universidade de Pittsburgh Pittsburgh, 1985.

WRIGHT, Robin M. (org.). *Transformando os deuses: os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas do Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.